

AQUELA QUE QUASE PERDEU O NOME: ALGUMAS NOTAS SOBRE CASTORINA (SÉC. IV E V D.C.)

*Amanda Reis dos Santos*¹

Resumo: O artigo tem como intuito apresentar uma mulher pouco conhecida tanto na documentação literária tardo-antiga quanto pela historiografia contemporânea: Castorina, tia de Jerônimo de Estridão. Dada essa nebulosidade, objetiva-se lançar luz sobre quem ela teria sido, questionar-se por que aparece no epistolário jeronimiano de forma tão breve e conectá-la a um contexto mais amplo constituído pelas publicações do sobrinho, por suas relações com familiares e com outras mulheres de seu tempo. Este trabalho é resultado da produção de uma ficha vinculada ao *Projeto Eurykleia – aquelas que tinham um nome* e um recorte da pesquisa de Mestrado que tem sido desenvolvida pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC/UFRJ).
Palavras-chave: Antiguidade Tardia; mulheres; Jerônimo; epistolografia; patrimônio.

CELLE QUI A PRESQUE PERDU SON NOM: QUELQUES REMARQUES SUR CASTORINA (SÉC. IV ET V APRÈS J.-C.)

Résumé: Cet article a comme proposition présenter une femme peu connue tant par la littérature de l'Antiquité Tardive quant par l'historiographie contemporanée: Castorina, tante de Jérôme de Stridon. À cause de cette nébulosité, on a l'objectif d'allumer la biographie de cette personnage, poser quelques questions sur la raison par laquelle elle apparaît si peu dans le *corpus* des lettres de sa neveu et à la connecter à un contexte plus large de ses publications, de ses réseaux de relations familiales et à d'autres femmes. Ce travail est résultat d'une fiche produite par le *Projet Eurykleia – celles qui avaient un nom*, et aussi un découpage de la recherche de Master développée par le Programme de Pos-graduation en Histoire Comparée (*Programa de Pós-Graduação em História Comparada – PPGHC/UFRJ*).
Mots-clé: Antiquité Tardive; femmes; Jérôme; épistolographie; patrimoine.

A priori, este trabalho poderia ocupar apenas algumas poucas linhas deste dossiê, dada a escassez de dados sobre uma mulher que só se conhece porque seu sobrinho, isolado no deserto de Cálcis adquirindo a experiência de eremita, resolve lhe escrever uma carta propondo uma espécie de “pacto de paz” – ou, pelo menos, é assim que a também escassa historiografia contemporânea trata o documento (CAVALLERA, 1922, p. 4, 15, 23, 48; VALERO, 1938, p. 109-110)². De fato, ela se inicia com um ensinamento moral, diligentemente retirado do *Evangelho de João*, a respeito dos malefícios do ódio na convivência humana – um indicativo de que a relação entre os interlocutores não ia bem:

¹ Atualmente é mestranda em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada, do Instituto de História da UFRJ (PPGHC/UFRJ), recebendo apoio financeiro institucional da CAPES. Realiza pesquisa cujo tema é administração patrimonial de ricas cristãs na Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.), sob orientação do prof^o Dr. Fábio de Souza Lessa. E-mail: ardstoria@gmail.com.

² É a palavra, aliás, que Jerônimo usa para qualificar o contato. Ele finaliza a epístola pedindo que entre ambos houvesse paz: [...] *ante annum prioribus letteris rogaueram, ut pacem quam nobis Dominus reliquit habeamus*.

O apóstolo e evangelista João diz em uma carta sua: todo aquele que se aborrece com seu irmão é homicida, e está certo. O homicídio nasce com frequência do ódio, por isso todo aquele que odeia, mesmo que não tenha matado com espada, em sua alma já é homicida (Jer., *Ep.* 13)³

Palavras como “rancor” e “ira” também são mencionadas: *irascimini et nolite peccare*, “irrite-se, mas não peque”, é o que salienta. Entende-se, assim, que o remetente parece ser muito cuidadoso no contato com a tia, reforçando pedidos de reconciliação que já havia feito cerca de um ano atrás, em uma carta que não foi perpetuada na tradição manuscrita (CAIN, 2009, p. 29; CAVALLERA, 1922, p. 4)⁴.

Se Castorina, a mulher em questão, respondeu a Jerônimo – o controverso monge do deserto eternizado posteriormente como “Doutor da Igreja” –, não se sabe (CAIN, 2009, p. 1-4). Desse modo, depende-se aqui de uma única e rápida missiva que é muito pouco elucidativa sobre quaisquer dados a seu respeito; sequer a historiografia contemporânea dedicou algumas páginas sobre: encontra-se nenhuma ou rara menção à Castorina mesmo em locais mais óbvios, como nas principais prosopografias do Império Romano Tardio (JONES, 1971; LIGHTMAN, 2008; SALISBURY, 2001), em livros e artigos dedicados à investigação sobre mulheres tardo-antigas (BENNET, 2013; NICHOLS, 2014)⁵ ou nas biografias a respeito de Jerônimo – com as raras exceções de Andrew Cain, Ferdinand Cavallera e Hilmar Pabel.

O que se poderia dizer sobre esses silêncios? Em primeiro lugar, que boa parte dos trabalhos mencionados diz muito mais respeito ao próprio remetente das epístolas do que à tia, que, quando mencionada, é no sentido de tentar lançar luz sobre os anos que o então anacoreta passou no deserto – como uma espécie de retalho biográfico. Não à toa: alusões à família de Jerônimo são surpreendentemente raras em seus escritos, como se o autor quisesse mesmo apagar suas referências anteriores ao ano de 374 d.C.⁶, quando começou a escrever cartas. Nesse sentido, só se conhece uma irmã porque é mencionada também rapidamente nas cartas 6 e 7, e muito pouco sobre sua mãe ou seu pai. Apesar

³ Tradução livre baseada na edição bilíngue (espanhol/latim) de Juan Bautista Valero e na clássica versão em língua inglesa da *Christian Classics Ethereal Library* (CCEL). *Iohannes idem apostolus et evangelista in epistula ait: quicumque odit fratrem suum, homicida est, et recte. Cum homicidium ex odio saepe nascatur, quicumque odit, etiam si gladio necdum percusserit, animo tamen homicida est.*

⁴ A informação de que Jerônimo já havia se correspondido com Castorina é proveniente da própria carta: *ante annum prioribus letteris rogaueram [...]*.

⁵ Nesta última referência, Nichols apenas identifica Castorina como uma figura apagada do *corpus* jeronimiano. Para o assunto, ver também: CLOKE, 2005; COON, 1997.

⁶ Doravante, o uso de “d.C.” será suprimido, pois o artigo diz respeito somente a eventos ocorridos nos limites dessa periodização.

destas lacunas, o que parece evidente é que a década em questão foi de rompimento de relações com seus parentes e com Estridão, de onde era proveniente. Eis alguns exemplos: “A conversão da minha irmã é fruto dos esforços do santo Juliano”, comenta Jerônimo com os clérigos Cromátio, Jovino e Eusébio. ⁷ Juliano, a saber, foi um diácono de Aquileia sobre o qual pouco se sabe, responsável por supostamente curar a supracitada mulher de um grande “mal que o demônio havia nela infligido”⁷. A respeito do assunto, Jerônimo escrevera ainda: “fico contente que minha irmã permaneça firme em seu propósito”⁸ (Jer., *Ep.* 6). Que propósito seria este, não se sabe, mas, pelo contexto das cartas, é provável que o então eremita fizesse referência a algum aspecto moral da vivência da jovem com o qual não estava de acordo. No que concerne a Estridão, sua terra natal, demonstrava o mesmo amargor, queixando-se que seria à época uma “presa para o barbarismo” (Jer., *Ep.* 7)⁹.

Além destes exemplos, há uma série de outros que indicariam um desapego de Jerônimo pelos parentes à época. É sabido, nesse sentido, que ele se aproximou das mulheres do “Círculo do Aventino” (TESTARD, 1999, p. 39-63; BROWN, 1990, p. 301; CLARK, 1984, p. 94)¹⁰ ao chegar a Roma em 382, momento em que não apenas se tornou secretário do papa Dâmaso como se integrou àquele círculo de virgens e viúvas intelectuais. Chama atenção, neste contexto, algumas passagens da carta 22, em que discorre a uma adolescente que viria a segui-lo por toda a vida – Eustáquia – sobre a necessidade de se abandonar o lar. Embora em estilo conotativo, inspirado em um salmo sobre Abraão, ele é categórico logo nas primeiras linhas: “escute, filha, considere, e incline seu ouvido; esqueça também seu próprio povo e a casa de seu pai [...]” (Jer., *Ep.* 22.1). O argumento se repete na carta 14, a Heliodorus (Jer., *Ep.* 14.7) e continua concentrado em outras epístolas datadas das décadas de 370 e 380, como a 46 e a 71. Em suma, o que se observa é o silêncio quase absoluto que se sobressai acerca de sua

⁷ Embora a clássica reunião do epistolário jeronimiano, o *NPNF*, identifique Juliano como um diácono de Antioquia, trabalhos recentes apontam-no como de Aquileia. A esse respeito, cf.: CAVALLERA, 1922, p. 73; CANNELIS, 2014, p. 191.

⁸ *sororem meam, filiara in Christo tuam, gaudeo te primum nuntiante in eu permanere, quo coeperat.*

⁹ *Soror mea sancti Iuliani in Christo fructus est [...]. hanc mihi Iesus pro eo uulnere, quod diabolus inflixerat [...]. scitis ipsi lubricum adulescentiae iter, in quo et ego lapsus sum et uos non sine timore transistis. hoc illa cum maxime ingrediens omnium fulcienda praeceptis, omnium est sustentanda solaciis, id est crebris uestrae sanctitudinis epistulis roboranda [...]. nostis puellares animos his rebus plerumque solidari, si se intellegant curae esse maioribus. In mea enim patria rusticitatis uernacula deus uenter est et de die uiuitur [...].*

¹⁰ Trata-se de uma congregação cristã de caráter doméstico, localizada em uma das sete colinas de Roma – no Aventino, ao sul da *Urbs*. No século IV, era ocupada por membros da elite romana, onde Marcella (uma virgem rica) costumava reunir viúvas, virgens e mulheres casadas, dentre as quais estavam Paula e suas filhas, com o objetivo de se aprofundarem no *modus vivendi* cristão.

juventude e família, aliado vez ou outra a alusões à itinerância. Logo, não é de se estranhar a ausência de Castorina no *corpus* epistolar do sobrinho.

Por outro lado, uma nota importante: alguns historiadores supõem que os *cognatos* do monge fossem de relativa posse, já que conseguiu ter seus estudos bancados quando adolescente e foi discípulo de Élio Donato em uma famosa escola de retórica (NICHOLS, 2014, p. 5-6; CAIN, 2009, p. 1-2)¹¹. No entanto, talvez contrariando alguns anseios familiares, logo em seguida dedicou algum tempo ao ermo. Não por acaso, parece ter surgido dos anos como anacoreta em Cálcis seu ímpeto de epistológrafo, não meramente como única forma possível de contato com o mundo com o qual estava habituado, ou como forma de reestabelecer laços com amigos e entes queridos, mas, sobretudo, como forma de enaltecer sua trajetória. Que se guarde esta informação. Quanto ao primeiro aspecto, imerso na cultura clássica, mas apaixonado pela literatura e ensinamentos cristãos, ele termina seus estudos na antiga capital do Império não inclinado a seguir nem o *cursum honorum*, nem aderir à hierarquia eclesiástica (REBENICH, 2005, p. 6)¹². Não foi bispo, diácono, tampouco se ocupou do sacerdócio, embora tenha sido ordenado; pouca ou nenhuma presença (física, pelo menos) teve na Corte, seja Ocidental ou Oriental – ao contrário de mulheres como ambas as Melânias e Olímpia (OLIVEIRA, 2015, p. 66)¹³. Pelo contrário, apenas reuniu um conjunto de inimigos dos quais vivia se queixando. Assim, ainda relativamente jovem, apenas partiu para uma região habitada por “sarracenos” (Jer., *Ep.*, 5, 7.1; Jer., *Vita Pauli*, 6, 12, 25; Jer., *Vita Malchi*, 4, 8), na Síria, e lá permaneceu em meio a indivíduos que não falavam os idiomas nos quais tinha proficiência. Baseado nesses pressupostos, Stefan Rebenich e Jorge Gabriel Rodrigues acreditam que Jerônimo rompeu com sua família – ou o contrário – porque ela se mostrou resistente em aceitar o modelo de vida escolhido pelo monge, que negou, como visto, uma carreira tradicional (REBENICH, 2005, p. 6; OLIVEIRA, 2016, p. 51). Vale lembrar que não há relatos de que tenha se aventurado a escrever cartas anteriormente: é a partir de então que, progressivamente, adota este gênero como forma de comunicação e divulgação literária.

As informações expostas precedentemente nos levam a considerar um segundo detalhe: uma vez que Jerônimo parece nunca ter tido uma vida de luxo, nem seguido uma

¹¹ Na *Vida dos Homens Ilustres* e na *Apologia*, segundo Freemantle, é possível vislumbrar relances sobre sua vida privada: era, por exemplo, de pai e mãe cristãos de relativas posses, dentre escravos e algumas propriedades; provavelmente morreram durante a invasão de Estridão, de onde Jerônimo era natural, em 377.

¹² Segundo Stefan Rebenich, aliás, um dos supostos motivos para o exíguo contato de Jerônimo com seus familiares foi justamente o fato de ter falhado em cumprir uma carreira de sucesso após a conclusão de seus estudos em Roma, algo que pode ter causado algum tipo de ruptura ou desentendimento. Embora plausível, não foram encontrados indícios em suas cartas que apontem para esta hipótese.

¹³ Este contato parece ter se restringido a querelas heréticas, como o pelagianismo.

trajetória política, é pertinente questionar como sobreviveu ao longo dos anos e a custo de quem. Como dito, fora eremita no deserto de Cálcis e esteve em Antioquia antes de finalmente chegar a Roma, onde recebeu apoio e patronagem do papa Dâmaso e das mulheres do Aventino. Desse modo, até onde a documentação mostra, as inúmeras exortações que fez à dilapidação ou dissipação do patrimônio de homens e mulheres da elite não tinham relação somente com um ideal de exercício da fé cristã, pautado em preceitos bíblicos retirados tanto do *Antigo* quanto do *Novo Testamento*, mas também com urgências materiais bastante concretas de certas comunidades – com o detalhe de que, integrado a elas, estaria o próprio Jerônimo. Assim, em vez de assumir a forma de um pedinte comum da *Urbs* – tão numerosos e, ao mesmo tempo, tão pouco palpáveis nas fontes –, o autor solicitaria esmolas de forma um tanto mais polida, isto é, através da literatura.

Castorina e as mulheres que tinham um nome

Sendo assim, há de quatro a cinco possibilidades de interpretação a respeito da presença de Castorina em seu *corpus* epistolar: primeiramente, ela poderia ser uma tia com a qual tentou reestabelecer contato em sua época de anacoreta, quando se encontrava longe da Dalmácia, sua terra natal – o que parece plausível, visto que, na mesma época, escreveu também a Juliano, um diácono de Antioquia, e aos clérigos Cromátio, Jovino e Eusébio a respeito de sua irmã, figura sequer nomeada. Relativamente a esta última, ele parece contente por clérigos a terem salvado espiritualmente, corrigido sua vida e lhe dado bons exemplos. Apesar da maneira um tanto quanto fria com que Jerônimo se dirige ou se refere a elas, em ambos os exemplos existe um discurso conciliatório. Por outro lado, pode-se sugerir que, a julgar pelo tratamento pouco decoroso à irmã nas supracitadas cartas 6 e 7, talvez Castorina tivesse simplesmente algum tipo de comportamento religioso ou moral que Jerônimo não aprovava, sendo o silêncio a forma mais adequada retoricamente de dissipar suas memórias.

Outra interpretação possível, baseando-se aqui nas pesquisas de Cain, é que Castorina fosse uma peça importante de uma espécie de quebra-cabeça biográfico de Jerônimo direcionado à sociedade romana. Assim, ao chegar a Roma, o então ex-eremita teria selecionado algumas cartas de seus anos no deserto a fim de compor o *Epistularum ad diversos liber*, uma coletânea que visava apresentar seu próprio autor a parcelas da elite e do clero porventura interessadas em financiar seu trabalho como escritor e exegeta

(Jer. *De Vir. Ill.* 135; CAIN, 2009, p. 8, 14-19)¹⁴. Nessa perspectiva, ele se mostraria como um bom cristão disposto a reatar laços com amigos e família, ou tentar manter contato mesmo com indivíduos negligentes em respondê-lo, como no caso das virgens de Aemona¹⁵ (Jer. *Ep.* 11; CANELLIS, 2014, p. 192). Portanto, a tia faria parte não só de um projeto literário consciente do sobrinho, como seria peça fundamental em sua retórica sobre solidão e empecilhos da vida eremítica. Isso pode ser sustentado através de diversas cartas em que Jerônimo se anuncia como uma espécie de sofredor que não conseguia se corresponder de modo satisfatório com amigos nem parentes, além de passar por privações de toda ordem (Jer., *Ep.* 6, 7, 11, 12, 14, 22). De acordo com Cain (2017, p. 225-231), manter esta epístola juntamente a outras, que escrevera durante a década de 370, teria uma potencialidade retórica muito maior, demonstrando de forma mais incisiva uma narrativa sobre o *modus vivendi* cristão que escolhera seguir, tanto no sentido literário quanto ascético. É o que a carta 22, uma das primeiras que escreveu após ter contato com as mulheres do Aventino, corrobora: nela, Jerônimo lembra à jovem Eustáquia que tivera de abandonar casa, pais, irmã, relações e – ainda mais difícil – a comida delicada com a qual já tinha se acostumado para se aprofundar nos estudos clássicos, algo que acabou levando-o aos autores cristãos posteriormente (Jer., *Ep.* 22.30; ADKIN, 1984, p. 119-126). Não por acaso, a epístola se inicia com uma alusão salmística à necessidade de abandono da terra natal em prol de uma vida perfeita: “escute, filha, olhe, incline o ouvido e esqueça de teu povo e da casa paterna” (Jer., *Ep.* 22.1)¹⁶. Teria sido este um recado à destinatária sobre as adversidades pelas quais passara anos antes, uma exortação para que fizesse o mesmo ou meramente uma amostra de sua eloquência? Talvez todas as opções. O fato é que aquele momento – provavelmente, o ano de 383 – foi crucial na trajetória de Jerônimo e ele necessitava tanto de apoiadores quanto de patrocinadores para levar adiante seus estudos bíblicos e traduções. Nada melhor, portanto, do que exibir-se para ricas romanas cristãs e para Dâmaso, assumindo o papel de eremita solitário que apenas buscava reconciliar-se com sua família.

¹⁴ Esta é uma das primeiras obras autorais de Jerônimo relatadas por ele em uma breve autobiografia na *Vida dos Homens Ilustres*. Sobre seu processo de confecção, Andrew Cain dedica uma série de páginas à análise de manuscritos medievais para estabelecer uma hipótese de cronologia e as possíveis razões da reunião das epístolas.

¹⁵ Colônia romana localizada próximo de Estridão. Cf.: CAVALLERA, 1992, p. 22, 70; *NPNF*, vol. 6, p. 23.

¹⁶ *audi, filia, et uide et inclina aurem tuam et obliuiscere populum tuum et domum patris tui*. Vale lembrar que esta é uma alusão recorrente em suas cartas, a exemplo da 14 (7), 66 (1) e 71 (2). Ver, ainda, o tratado *Contra Vigilância*, 14.

Em sentido mais amplo, é possível constatar que Castorina tem um papel ainda mais apagado na história se comparada a outras mulheres do *corpus* jeronimiano, como Paula, Eustáquia, Fabíola e Marcella, que, em termos de frequência como destinatárias ou menção em obras, tratados e outras cartas, aparecem de forma inversamente proporcional à tia. Uma das explicações possíveis dessa assimetria se dá pela relevância que tiveram como apoiadoras de Jerônimo durante e após sua conturbada estadia em Roma, entre 382 e 385; sobretudo, graças à ajuda financeira que disponibilizaram ao intelectual ao longo de toda sua vida. Não seria um absurdo pensar dessa forma, como mostram pesquisas recentes que relacionam patronagem feminina à maior frequência de mulheres na literatura tardo-antiga e medieval. A julgar pelo silêncio que circunda qualquer detalhe mais aprofundado sobre a família de Jerônimo, Castorina parece não ter contribuído muito para os intentos do sobrinho.

Há, contudo, controvérsias e outros caminhos interpretativos. Se for levada em consideração a hipótese de que Jerônimo estaria precisando de auxílio financeiro ainda quando em Cálcis, a tia seria uma opção viável e próxima para ajudá-lo. Aproximar-se dela, então, seria economicamente vantajoso. Embora menos plausível, tal possibilidade não é impossível, visto que a comparação entre as cartas que integram o *corpus* analisado mostra que o discurso a respeito da necessidade de dissipação patrimonial como uma virtude cristã é ainda pouco presente na década de 370, vindo a se tornar mais expressivo após 383.

Por fim, para a decepção do leitor, outra hipótese é a de que Castorina nunca mais voltou a trocar correspondências com o sobrinho simplesmente porque morreria. Pouco provável: isso não explicaria a falta de menção em outras cartas¹⁷, nem a ausência de um trabalho memorialístico como foi feito com Blesilla, Paula, Fabiola, Marcella, dentre outras, anos mais tarde – mulheres que, não coincidentemente, tiveram alguma relação econômica com o autor (Jer., *Ep.* 39, 108).

Portanto, para biógrafos como Andrew Cain – com o qual se concorda, em grande medida, neste artigo –, Castorina é uma ponte, ainda que frágil, que leva até a obscura juventude de Jerônimo; reveladora, ainda, de seu intuito em se exibir enquanto um grande estudioso e eremita quando chega a Roma, em 382 – ainda pouco relevante, sem muita influência nem fama. A epístola 13 seria, assim, expressão de seus anos solitários e difíceis, caracterizados pelo afastamento de sua rede de contatos, problemas de

¹⁷ É provável, ainda, que eles tenham trocado outras cartas, hoje perdidas.

comunicação com outros indivíduos e algumas doenças – e, não por acaso, compõe o *Epistularum ad diversos liber*, organizado por ele mesmo como forma de propaganda de sua trajetória.

Considerações finais

Evidenciou-se ao longo deste artigo, a partir de alguns escritos de Jerônimo de Estridão, o quão complexo pode ser trabalhar com o feminino na Antiguidade. Apesar de serem limitadas as possibilidades de se compreender Castorina, dada a escassez de informações a seu respeito, é possível fazê-lo cotejando um número maior de documentos, atentando-se à trajetória do sobrinho, ao contexto de suas obras e a outras mulheres contemporâneas a ambos. Portanto, a ficha proposta para compor a base do *Eurykleia*, mesmo que exígua, pode ser fundamental para futuros cruzamentos com outras trajetórias, inclusive daquelas que, afinal, *tinham um nome* e foram largamente citadas.

Condizente com a proposta do projeto, é necessário acrescentar que, independentemente da quantidade de vezes que uma matrona, virgem ou viúva é mencionada no *corpus* do autor estudado, o fato é que não é possível identificar qualquer paridade de gênero nas cartas. Nesse sentido, as mulheres ainda eram vistas por Jerônimo como inferiores, algo que deixou explícito em uma série de missivas – inclusive às mais próximas e àquelas que foram suas patronas – sem que isso fosse contraditório com o grau de proximidade que possuíam. Assim, ainda que Paula e Eustáquia se superpussem aos seus amigos, maridos, cunhados e demais familiares quanto às qualidades de boas cristãs, Jerônimo ainda se refere a elas como “o barco mais frágil” (Jer., *Ep.* 122.4; 128.3; 1.3-4: *fragilior sexus; utrumque sexum, sexus infirmior*) - uma clara, consciente e nada gratuita divisão de gênero. Sendo assim, em termos de metodologia de análise destas trajetórias, é possível concluir que nenhuma experiência é verdadeiramente reconhecível a alguém sem intermediação. Isso explica por que algumas mulheres se tornaram mais visíveis na história do que outras. Dessa maneira, ter em mente que certas matronas, virgens e viúvas tiveram seus nomes claramente expressos na documentação, acompanhados de uma genealogia – em contraposição a outras, de cujas identidades quase nada é revelado nas fontes, tal como é o caso da tia, irmã e mãe de Jerônimo¹⁸, misteriosamente invisibilizadas

¹⁸ Algumas cartas do monge deixam evidente a necessidade de invisibilização de algumas mulheres em detrimento da elevação moral de outras: é o que parece ser o caso da 122, endereçada à Eustáquia, em que

em seus trabalhos –, é importante para se escrutinar não apenas quem teriam sido, como também o que representam dentro de determinados discursos, para seus respectivos autores e toda uma rede de relações interpessoais. Como pontua Violaine Sebillote¹⁹, não basta circunscrever e reiterar uma “dominação masculina” existente nas sociedades antigas, sendo preciso esquadriñar “o que construiu a invisibilidade e a visibilidade das mulheres”, ou seja, conhecer “quais são as práticas que tornam as mulheres invisíveis²⁰, e quais práticas as tornam visíveis” (HASKINS & KRITZINGER, s/d, p. 1-7). Com isso, é possível se “concentrar na relação entre a prática discursiva e o registro do nome”, deixando claro como as divisões de gênero especificamente estudadas reagem também a múltiplos componentes sociais, como diferenças geracionais, status, concentração de riqueza, origem e destinos geográficos, dentre outros fatores que afetam o discurso.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO

JEROME. Letters. In: *A select library of Nicene and post-Nicene fathers of the Christian church*, vol. 6 (CCEL). Trad. de W. H. FREMANTLE. New York: The Christian literature company, 1893.

JEROME. Against Vigilantius. In: *A select library of Nicene and post-Nicene fathers of the Christian church*, vol. 6 (CCEL). Trad. de W. H. FREMANTLE. New York: The christian literature company, 1893.

JEROME. Sancti Hieronymi Epistulae I-LXX. In: HILBERG, Isidorus. *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum* (CSEL), vol. LIV. Viena: Reink Books, 1910. Disponível em: <<https://books.logos.com/books/5626#content=/books/5626>>. Acesso em: 12/10/2018.

JEROME. On illustrious men. In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry (ed.). *A select library of Nicene and post-nicene Fathers of the Christian Church*, vol. 3. Oxford and London: Parker and Company, 1892.

JEROME. *Epistolario*: edición bilingüe, vol. 1. Traducción, introducciones y notas por Juan Batista Valero. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1938.

OBRAS DE REFERÊNCIA

JONES, A. H. M.; MARTINDALE, J. R.; MORRIS, J. (eds). *Prosopography of the Later Roman Empire* (A.D. 260-395), vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

SALISBURY, Joyce E. *Encyclopedia of Women in the Ancient World*. Santa Barbara: Abc-Clio, 2001.

Jerônimo apenas fala de maneira muito genérica daquelas que *caíam diariamente no seio da Igreja* – isto é, pecavam. Cf. Jer., *Ep.* 122.13, 16, 26.

¹⁹ Vide projeto de pesquisa e descrição do *Projeto Eurykleia: aquelas que têm um nome*, feita por Violaine Sebillote: <https://eurykleiapt.hypotheses.org/37>. Acesso em: 23/03/2020.

²⁰ Uma interessante averiguação a respeito de uma mulher não nomeada em um dos trabalhos de Jerônimo, *Vita Malchi*, é feita por Susan L. Haskins e Jacobus Kritzinger em artigo recente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADKIN, Neil. Some notes on the dream of saint Jerome. *Philologus*, 128, 1, p. 119-126, 1984.
- BENNET, Judith; KARAS, Ruth Mazo (eds.). *The Oxford Handbook of Women and Gender in Medieval Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BROWN, Peter. Aprendei comigo a sagrada arrogância: Jerônimo. In: _____. *Corpo e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- CAIN, Andrew. *The letters of Saint Jerome: Ascetism, biblical exegesis and the construction of Christian authority in Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- _____. The letter collections of Jerome of Stridon. In: SOGNO, Cristiana; STORIN, Bradley K; WATTS, EDWARD J. (eds.). *Late Antique letter collections: a critical introduction and reference guide*. Oakland: University of California Press, 2017.
- CANELLIS, Aline. Les premières lettres de saint Jérôme. *La lettre gréco-latine, un genre littéraire?* Collection de la Maison de l'Orient méditerranéen ancien, 52, p. 189-208, 2014.
- CAVALLERA, Ferdinand. *Saint Jérôme: sa vie et son oeuvre*. Tome I: première partie. Paris: H. Champion, 1922.
- CLARK, Elizabeth. Commentary. In: *The life of Melania, the Younger*. Nova York: The Edwin Mellen Press, 1984.
- CLOKE, Gillian. *This female man of God: Women and spiritual power in the patristic age, AD 350–450*. London and New York: Routledge, 2005.
- COMPTON, Madonna Sophia. *Sisters in Wisdom*. Kansas: The Rafael Group, 2013.
- COON, Lynda. *Sacred fictions: Holy women and hagiography in Late Antiquity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997.
- FREEMANTLE, W. H. Prolegomena to Jerome. In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry (ed.). *A select library of Nicene and post-nicene Fathers of the Christian Church*, vol. 6 (Saint Jerome). Oxford and London: Parker and Company, 1893.
- HASKINS, Susan L.; KRITZINGER, Jacobus. Naming the nameless woman in Jerome's *Vita Malchi*. *Teologiese Studies/Theological Studies*, 74, 3, p. 1-7, s/d.
- LIGHTMAN, Marjorie; LIGHTMAN, Benjamin (ed.). *Ancient Greek and Roman Women: from A to Z*. Revised edition. New York: Facts on File, 2008.
- NICHOLS, Margaret Judith. *Jerome's women: creating identity and fashioning scholars* (Tese de Doutorado em Filosofia). S/l: University of Western Australia' School of Humanities, 2014.
- OLIVEIRA, Jorge Gabriel Rodrigues de. *Herdeiros de Mártires: a representação do monaquismo eremítico copta em Atanásio de Alexandria e Jerônimo de Estridão (séculos III-IV)* (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016.
- OLIVEIRA, Júlio César Magalhães. Cartas e redes de comunicação no Mediterrâneo durante a Antiguidade Tardia: o caso da controvérsia pelagiana. *Revista de História (São Paulo)*, 173, p. 53-80, 2015.
- REBENICH, Stefan. Introduction. In: _____. *Jerome*. London and New York: Routledge, 2005.
- TESTARD, Maurice. Les dames de l'Aventin, disciples de saint Jérôme. *Bulletin de la société nationale des antiquaires de France*, p. 39-63, 1996 (1999).